

Imagens da mulher na revista *Vida Capichaba* (1940-1949)¹

Cecília Nunes da Silva/Vitória/UFES/ceciliaef@hotmail.com

Felipe Quintão Almeida/Vitória/UFES/fqalmeida@hotmail.com

Resumo: Investiga imagens da mulher na revista *Vida Capichaba*, periódico de publicação quinzenal que circulou, no Estado do Espírito Santo, entre as décadas de 1920 e 1950. Tem como foco as edições publicadas entre os anos de 1940 e 1949. Analisa os imperativos sociais destinados à formação da mulher capixaba. Conclui que esses imperativos eram ambivalentes (ao mesmo tempo conservadores e subversivos), tendo a prática esportiva, e a moda a ela associada, papel importante na construção de novas imagens e sentidos do feminino.

Palavras chave: Mulher. Moda. Esporte.

Introdução

Este artigo, na esteira de Goellner (2003), diz sobre imagens da mulher na revista *Vida Capichaba*. A reflexão empreendida dialoga, por um lado, com um referencial que se ocupou em narrar a história das mulheres (Perrot, 2008; Sant'anna, 1995; Priore, 2010; Lipovetsky, 2000; Albino; Vaz, 2008) e, por outro lado, com uma literatura que enfatiza essa história na sua relação com a moda e/ou com o esporte. (Lipovetsky, 1989; Goellner, 2003, 2008; Laver, 1989; Feijão, 2001; Barthes, 1967; Soares, 2010).

Para empreender a investigação, duas decisões metodológicas foram tomadas. A primeira delas, temporal, elegeu os anos de 1940 (1941-1949) como o período em que nossas análises estariam concentradas, por acreditar que muitas mudanças sociais, iniciadas ainda na transição do século XIX para o século XX, teriam se consolidado, em Vitória, nessa década. Essas transformações, decerto, impactaram a imagem que a sociedade projetava da

¹ Uma versão completa deste artigo pode ser lida em Silva, Gomes e Almeida (2013).

mulher capixaba. A segunda decisão refere-se à escolha da revista *Vida Capichaba* (1923-1957) como fonte, periódico de publicação quinzenal, que circulou na Capital do Espírito Santo e no seu interior. Segundo Xavier (2008), foi o principal impresso do Estado na primeira metade do século XX e a revista mais duradoura que se publicou no Espírito Santo.

Imagens da mulher na revista *Vida Capichaba*: entre o casamento, a maternidade, a fragilidade e a beleza

Analisando as 112 edições catalogadas entre os anos de 1940 e 1949, é possível reconhecer as imagens da mulher mais comuns na revista *Vida Capichaba*. Identificamos, por exemplo, a imagem feminina atrelada às tarefas relacionadas com a família e a casa, pois seu lugar não seria o espaço público, mas, sim, os deveres privados do lar. Nessas circunstâncias, como também ocorria em outros periódicos da mesma época (Bassanezi, 1996; Goellner, 2003), a revista buscava ensinar as leitoras a cuidar da casa e a criar um “ambiente de felicidade ao lar”, já que a dona de casa perfeita era o modelo de boa educação, tornando-se objeto de interesse dos homens e obsessão para as mulheres (Perrot, 2008). Muitos anúncios da revista retratavam a importância da mulher para a construção de uma família feliz:

Brevemente, iremos distribuir gratuitamente as assinantes desta revista a esplendida e útil publicação, ‘riscos e bordados do mensageiro do lar’, como suplemento feminino, contendo em cada número, belos e numerosos modelos de bordados e um grande mapa de riscos em tamanhos naturais, além de várias seções que alegrarão nossas leitoras, e cujos modelos uma vez executados, darão aos lares um ambiente de felicidade. Dessa forma ‘O mensageiro do lar’ institue a Rêde Jornalística Nacional (R. J. N) contribuindo poderosamente em prol da unidade da família brasileira (*Vida Capichaba*, 1941, s/p).²

O ideal feminino estava, primordialmente, ligado ao casamento; a revista *Vida Capichaba* veiculava essa norma, já que a constituição da família era função primordial da mulher e o casamento seria sua grande realização (Xavier, 2008). Rangel (2011) ratifica essa conclusão, ao apontar que o discurso predominante

² Mantivemos a originalidade da escrita.

na *Vida Capichaba* era o da mulher como “anjo do lar”, tendo como função o casamento e a maternidade. Como mãe e esposa, a mulher era colocada como a grande responsável pelo funcionamento e cuidados com o lar. As mulheres eram exaltadas pelo seu papel de esposa, donas de casa e mães de família (Rangel, 2011).

Relatos de noivados e casamentos eram constantes nas páginas da revista (Figura 1): a coluna “Alfinetadas” sempre trazia os enlaces anunciados na sociedade capixaba, como demonstrado neste breve trecho: “A funcionária moreninha da prefeitura fez-se noiva... Parabéns” (Vida Capichaba, 1942, s/p). Como também no poema de Paulo Setubal, publicado em fevereiro de 1945:

És noiva...Em breve há de raiar o dia,
Festivo, azul, vibrante de alegria,
Que te sorri num céu de rosciclér,
Irás à igreja. E num altar formoso,
Branca de anseio, trêmula de gozo,
Verás florir teu sonho de mulher (VIDA CAPICHABA, s/p, 1945).

Figura 1 – Vida Capichaba, 15 de julho de 1941



Nesse contexto, a moda, em especial com inspiração esportiva, foi fundamental para introduzir, nas páginas de *Vida Capichaba*, outras imagens ou modos de se viver a feminilidade. São olhares que se diversificam e para os quais as imagens de mãe, dona de casa e frágil não retiram da mulher outras

possibilidades de viver a sociedade e seu tempo. Vejamos isso no tópico a seguir.

Imagens da mulher na *Vida Capichaba*: as mulheres no ritmo da moda (esportiva)

A partir dos anos de 1920, com a simplificação do vestuário feminino, a moda se torna mais acessível, pois é mais facilmente imitável (Lipovetsky, 2009). Conforto e eficácia (Soares, 2010) fazem parte desse novo estilo de se vestir, sem abdicar, contudo, da elegância:

Os vestidos de noite, cuja linha requer um destaque apropriado, conta também com suas blusas realizadas em tecidos de certo esplendor, para ceias e até para bailes. As combinações, neste sentido, são sempre sóbrias, para bellos efeitos. Assim fica linda, mais linda uma blusa de chiffon rosa pálido, decotada, inteiramente plissada, sem mangas, acompanhada de saia comprida, que pode ser negra de seda... Com a mesma saia outra blusa não terá menor beleza e será interpretada em lamê, cor celeste e ouro, cujo decote seria alto e redondo e cujas mangas se armem em globo. Se for para ceia o completo é um pequeno bolero do mesmo panno da saia. Nas atividades desportivas, as blusas que se impõem são as cortadas em forma de colete e as de estilo 'chemesier'. O material preferido para fazel-as varia entre os crepes e as sedas, com bolas ou listas (Vida Capichaba, 1940, s/p).

O esporte foi um fenômeno cultural que teve um papel de primeiro plano na revolução democrática do parecer feminino. O crescimento dos esportes contribuiu para desencadear um processo de desnudação do corpo feminino (Lipovetsky, 1989; Feijão, 2011; Barthes, 1967). Os modos de se vestir se modificam, as vestimentas encurtam, os decotes tornam-se abundantes, as blusas sem manga transmitem novas sensações e os tecidos propiciam leveza e transparência. De fato, os esportes tiveram grande influência no desuso das antigas anáguas e saias pesadas, ao propagar ideais de corpos mais maleáveis e dinâmicos. A moda esportiva vai possibilitar, assim, a expressão de uma nova sexualidade (Goellner, 2003). Vejamos isso na passagem a seguir, referente à prática dos patins entre as moças:

'Skaterina' é uma palavra nova americana que apareceu com o resurgir da moda de patins de rodas nos Estados- Unidos. 'Skaterina' (derivada de 'skate' - patins) é o termo com que são denominadas as saíngas curtas tiornadas conhecidas no mundo inteiro pela encantadora Sonia Henje, e agora adoptadas por todas as 'fans' de patinação. Foi justamente a adopção d'essas saíngas (e respectivos calções de seda) pelas freqüentadoras dos 'rinks' de patinação que veio despertar um novo interesse pelo sport – pois que permitindo essa indumentária todos os movimentos e acrobacias, sem os entraves que os vestidos compridos apresentavam, isso veio tornar a patinação um divertimento ainda mais interessante para as 'girls' - sem falar do bem mencionado facto que todas as pequenas gostam de exhibir uma perna bem feitinha [...] (VIDA CAPICHABA, 1940, S.P.).

André Ledoux, que vestia desde as mulheres que praticavam esportes náuticos até as que jogavam golfe, foi elogiado na Revista:

André Ledoux, grande costureiro de esportes de inverno, pensa hoje nas temporadas, nos week ends felizes. Veste a mulher que pratica esportes náuticos, a que escala montanhas ou que joga golf. Despe com originalidade a que vai à piscina ou à praia. Ver a coleção de Ledoux é evocar toda alegria do Sol para o iate, calças, blusas e camisetas inteiramente clássicas, o branco, o vermelho vivo, mas, sobretudo o azul. Eis uma encantadora saia baiadeira, amarela, marrom e branca, com uma blusa amarela; tirando-se a saia, vê-se um 'short' justo e curto (os 'shorts' tem este ano, as dimensões das roupas de banho). Um vestido para noite, chamado 'Palm Beach' deixa os ombros inteiramente descobertos, tendo de cada lado da cintura, uma 'panier' inesperado. O tecido é de cor viva semeado de estrelas do mar (Vida Capichaba, 1946, s/p).

A moda esportiva implica, também, a produção de novos sentidos em relação aos espaços de lazer e de sociabilidade nas cidades. Paradigmático, a esse respeito, é o caso da praia e dos banhos de sol, uma vez que o bronzeamento se tornou uma exigência de elegância e um novo ideal de beleza se constitui: o do corpo bronzeado. A moda do corpo bronzeado faz parte do estilo de vida de uma elite que valorizava as atividades ao ar livre, apropriando-se de modelos vividos na Europa e nos EUA (Soares, 2010). A ida à praia, aos clubes para banhar-se nas piscinas, a prática do remo, entre outras modalidades, institui-se como parte do cotidiano da vida moderna. Assim, falar de uma pele bronzeada, não é, simplesmente dizer de uma pele *naturalmente* escura e sim falar, de um processo cuidadoso de exposição do corpo ao sol (Soares, 2010).

Em matéria de 30 de setembro de 1948, a revista *Vida Capichaba* ensina e alerta quanto aos cuidados com os banhos de sol, não sem antes elogiar e relatar como são as banhistas que se aventuram nessa prática moderna:

Uma coisa que impressiona em nossas praias (sem falar das palpitações que nos causam as garotas em diáfanos maillots e em shorts shortíssimos) é o espetáculo de banhistas deitadas na areia sob um sol abrasador a se deixar torrar plàcidamente durante horas e horas (Vida Capichaba, 1948, s/p).

Os esportes aquáticos também não ficaram alheios à moda esportiva, incorporando as modificações decorrentes dos novos valores corporais em tela. As mulheres capixabas estavam atentas a isso, como observamos, na Figura 2, a Srta. Sophia Reblin, a Miss do Clube de Regatas e Natação Álvares Cabral, em foto estampada na capa da *Vida Capichaba*, de 30 de março de 1947. Vestir roupas específicas para a prática esportiva, ser miss de um clube esportivo e posar para a capa da revista mais importante da cidade na época constitui e atesta um lugar social diferenciado, confirmando a importância do esporte e das vestimentas na formação de novos valores femininos.

Figura 2 – Capa da Revista VIDA CAPICHABA, 30 de março de 1947



Considerações finais

Os discursos, por um lado, indicavam o dever ser feminino vinculado ao seu papel de esposa, dona de casa e mãe de família; por outro lado, diziam que as mulheres deveriam se modernizar sem deixar de preservar suas virtudes “naturalmente” femininas, ressaltando que elas não poderiam se esquecer dos seus deveres e atribuições com a família. Identificamos, assim, que os discursos se entrelaçam, são notoriamente ambivalentes, e ambos, de certo modo, falam de um “dever ser”. Aqui há um “equilíbrio de antagonismos” (Lipovetsky apud Goldenberg, 2006), pois a construção do corpo feminino é conservadora e subversiva, ao mesmo tempo. No momento em que a mulher começa a ter um grau de liberdade, ela continua a sofrer pressões sociais na ordem dos valores morais e sociais. Por um lado propicia-se maior gestualidade corporal, por outro, exigem-se mais cuidados corporais, já que agora o corpo está mais à mostra.

Graças à imprensa, as mulheres passaram a ser informadas sobre a “última novidade” em vestuário, podendo vestir-se na moda graças às imagens e às dicas de como usar determinado traje. Afinal, a *Vida Capichaba* estava atenta em veicular as ideias de modernidade, venerando o progresso, a civilidade e a tecnologia, formatando novos estilos de vida.

Há uma influência mútua entre as roupas do cotidiano, a prática esportiva e as roupas específicas para a prática do esporte. Junto a isso aparece o desejo (e a obrigação) de beleza, eficiência, flexibilidade, agilidade. As mulheres não devem se esquecer da elegância. Todas essas são características tipicamente modernas e que se manifestam no corpo. Essas sensibilidades moldaram um novo corpo feminino, corpo esse que foi o lugar no qual esse conjunto de técnicas e pedagogias foram postas em ação.

Referências

Albino, B. S.;Vaz, A. F. (2005). Mulher, como deves ser: um estudo sobre a educação do corpo feminino no jornal *Dia e Noite* (1940-1941). *Temas e Matizes*. Cascavel: Unioeste, ano IV, n. 7.

Barthes, R. (1967). *Sistema da moda*. Lisboa: Edições 70.

Bassanezi. C. (1996). *Virando as páginas, revendo as mulheres: revistas femininas e relações homem-mulher (1945-1964)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Feijao. R. (2011). *Moda e modernidade na belle époque carioca*. São Paulo: Estação das Letras e Cores.

Goellner, S. (2003). *Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na revista Educação Physica*. Ijuí: Unijuí.

_____. (2008). As mulheres fortes são aquelas que fazem uma raça forte: esporte, eugenia e nacionalismo no Brasil no início do século XX. *Revista de História do Esporte*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 1-28.

Laver, J. (1989). *A roupa e a moda: uma história concisa*. São Paulo: Cia das Letras.

Lipovetsky, G. (1989). *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Cia das Letras.

_____. (2000). *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*. São Paulo: Cia das Letras.

Perrot, M. (2008). *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto.

Sant'anna, D, B. (1995). Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil. SANT'ANNA, D, B. *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade.

Sevcenko, N. (1992). *Orfeu extático na metrópole*: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Cia das Letras.

Silva, C. N.; Gomes, I. M.; Almeida, F. Q. (2013). Imagens da mulher na revista Vida Capichaba (1940-1949). *Movimento*, Porto Alegre, v. 19, p. 227-249.

Soares, C. L. (2010). *As roupas nas práticas corporais e esportivas: a educação do corpo entre o conforto, a elegância e a eficiência (1920-1940)*. 2010. Tese (livre docência). Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

Xavier, K. R. L. (2008). *Mulher e poder nas páginas da revista Vida Capichaba (1923-1945)*. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2008.

Revistas

A's Nossas Leitoras. (1941). Vida Capichaba, Vitória, s/p, 15 mar.

Vida Capichaba. (1941). Vitória, s/p, 15 jul.

Vida Capichaba. (1942). Vitória, s/p, 15 abr.

Vida Capichaba. (1940). Vitória, s/p, 30 jan.

Vida Capichaba. (1945). Vitória, s/p, 28 fev.

Elegância Feminina. (1947). Vida Capichaba, Vitória, s/p, 30 mar.

Estylo Desportivo. (1940). Vida Capichaba. Vitória, s/p, 30 maio.

Os Prazeres do Sol. (1946). Vida Capichaba, Vitória, s/p, 30 nov.

Cuidado Com Os Banhos De Sol. (1948). Vida Capichaba, Vitória, s/p, 30 set.